

Proposta é inteligente, diz Bresser

A negociação brasileira significa inovação para ex-ministro, mas terá resistência de credores

ISABEL DIAS DE AGUIAR

O ex-ministro da Fazenda Luiz Carlos Bresser Pereira qualificou como "inteligente" a proposta de renegociação da dívida externa apresentada quinta-feira pela equipe econômica do governo. Para ele, a fórmula sugerida deverá provocar inicialmente uma forte reação dos credores estrangeiros. "Mas isso não tem importância", afirmou. "Eles ainda vão levar algum tempo para compreender que o Brasil só poderá pagar sua dívida se tiver dinheiro." Um acordo bem-sucedido, disse, depende do apoio da sociedade aos negociadores brasileiros.

A proposta representa um grande avanço, segundo Bresser. A principal novidade, na sua opinião, é a instituição de leilões para a compra de títulos com deságio — "é uma idéia inédita", disse. Bresser, autor da primeira proposta de securitização da dívida externa brasileira, lembra que nenhum outro país recorreu a leilões para resgatar seus títulos. "Foi tudo muito bem pensado", afirmou. A

principal qualidade desse conjunto de sugestões para a solução final da dívida é o realismo. "Ou os credores aceitam isso ou repetimos um acordo nos moldes daqueles feitos em 1983 e 1988, que não puderam ser cumpridos."

Outro ponto que Bresser considera importante é a restrição fiscal, isto é, a vinculação da capacidade de pagamento da dívida ao superávit das contas públicas. Com isso, o governo se compromete a enviar recursos para o Exterior em proporção adequada à sua arrecadação. "Ninguém fez isso de forma tão radical", explicou. O ex-ministro da Fazenda não acha exagerado o prazo de 45 anos fixado para o pagamento dos bônus sem redução e com remuneração pelas taxas vigentes no mercado. Em 1930, quando o Brasil renegociou sua dívida, o prazo de pagamento negociado foi de 62 anos, afirmou.

Em 1987, quando ministro da Fazenda, Bresser Pereira lançou a idéia da securitização da dívida externa e foi alvo de severas críticas. "Foi uma reação passageira", afirmou. Para ele, a atual equipe econômica merece crédito, especialmente por parte das elites que há três anos mais reagiram à sua proposta



Bresser Pereira: "Nenhum país recorreu a leilões para resgatar seus títulos"

Credor acha inviável

A proposta brasileira para a renegociação da dívida externa é inovadora mas inviável, segundo Takanori Suzuki, presidente da filial brasileira do Banco de Tokio, o maior credor japonês do Brasil. A disposição do governo de iniciar o pagamento de juros é um dos poucos aspectos positivos e que favorecem a renegociação, disse ele. A transformação da dívida em títulos com prazos de até 45 anos é, afirmou Suzuki, inaceitável. "Até o vencimento desses títulos todos nós, credores e devedores, estaremos muito velhinhos", afirmou. Mesmo o segundo grupo de títulos, com prazos de 25 anos, são muito longos para os

bancos que enfrentam atualmente problemas nos empréstimos em seus próprios países, principalmente nos EUA, pela quebra de clientes da área imobiliária, e no Japão, como consequência da queda no mercado de ações.

Após assinalar que os bancos estão dispostos a cooperar para a solução do problema da dívida externa brasileira, Suzuki disse que a proposta poderia incluir muitos itens que foram deixados de fora, entre eles a conversão de dívida em investimentos e a liberação de recursos relativos a reempréstimos (relending), bloqueados no Banco Central.